

A família: desafios e configurações; exegese e hermenêutica a partir da 1Jo 2,12-14

The family: challenges and configurations; exegesis and hermeneutics from the 1Jn 2,12-14

Isidoro Mazzarolo

Pontifícia Universidade Católica do Rio do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Brasil

Resumo

A família, nas suas configurações tradicionais, compreendia os pais e os filhos. Nosso estudo tem como objetivos mostrar a importância da metáfora da família para a construção da comunidade cristã. Da comunidade de sangue à comunidade de fé há uma necessidade de passar pelos diferentes estágios de maturidade antropológica e espiritual. A conclusão proposta é que, não obstante os percalços da vida, a consciência de pertença é fundamental, quer para a família de sangue, quanto para a comunidade de fé.

Palavras-chave

Família.
Evolução.
Pertença.
Maturidade,
Espiritualidade.

Abstract

The family, in its traditional settings, comprised parents and children. Our study aims to show the importance of the family metaphor for building the Christian community. From the blood community to the faith community there is a need to go through the different stages of anthropological and spiritual maturity. The proposed conclusion is that, notwithstanding the difficulties in life, awareness of belonging is fundamental, both for the blood family and for the community of faith.

Keywords

Family.
Evolution.
Belonging.
Maturity.
Spiritual.

Introdução

As configurações familiares, ainda que tenham um estereótipo tradicional com pais e filhos, ao longo da história, tiveram diversos modelos. No *fratriarcado*, a Autoridade era exercida pelo irmão mais velho, sendo transmitida de irmão para irmão, como o patrimônio; no *matriarcado*, onde os exemplos são mais frequentes, a Autoridade nem sempre era da mãe, mas o

que pesava era a relação de parentesco ou de consanguinidade a qual dependia da mãe de família (a pureza de sangue); no *patriarcado*, a Autoridade é exercida exclusivamente pelo marido ou pai de família e, esse modelo é o que sempre dominou na cultura israelita¹. A criadagem (cf. Ex 20,17) fazia parte do domínio patriarcal, mas não configuravam como partícipes das relações familiares.

A 1Jo desenvolve uma temática típica da teologia joanina: o amor vence o ódio e a Palavra de Deus torna seus filhos e filhas vitoriosos diante do Mal (Maligno = *ponêron*)². A família é o espaço privilegiado para vencer o mal, de superar a treva do erro e encontrar o amor filial e fraterno que é luz divina penetrando no lar. No contexto neotestamentário, a família pode ter dois espaços: 1. A família de sangue (Jesus era filho de José e Maria, e tinha os irmãos Tiago, José, Simão e Judas (Mt 13,55- Mc 6,3); 2. A família de comunhão de sentimentos e compromissos (Mt 12,46-50; Mc 3,31-35; Lc 8,19-21).

A perícopre 1Jo 2,12-14 está inserida na primeira grande unidade, onde são propostas as novas orientações da vida do cristão (1,5-3,18). As ideias-mestras da unidade 1,5-3,18 são: Deus é luz e nele não existe o pecado (1,5-10); não se deve pecar, mas, se alguém peca, tem o Paráclito que o ajuda à conversão (2,1-6); um mandamento antigo, que é também novo, é a Palavra de Jesus (2,7-11); as exortações familiares (2,12-14); não amar o mundo, mas a vontade de Deus (2,15-17); os perigos do anticristo (2,18-29); aquele que peca pratica um ato a favor do demônio e se afasta da filiação divina (3,1-10); o amor recíproco é a pedagogia para combater o mundo (3,11-18). Para alguns exegetas, o tempo das Cartas de João é o mesmo do Evangelho; o contexto sociológico e teológico da comunidade indica semelhanças e os perigos externos das comunidades são os mesmos³.

¹ DE VAUX, R. *Le Istituzioni dell'Antico Testamento*. Torino: Marietti, 1977, p. 29.

² LIEU, J. *The Theology of the joannine Epistles*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1991, p. 43.

³ OPORTO Guijarro, Santiago. La familia en el movimiento de Jesús. *Estudios Bíblicos* 61 (2003), p. 65; DE VAUX, R. *Le Istituzioni dell'Antico Testamento*, p. 68; MAZZAROLO, I. *As três Cartas de São João*, p. 104.

A família de sangue se torna um arquétipo para a comunidade de fé. Nas cartas pastorais (1Tm e Tt), os líderes das comunidades, episcopos, presbíteros e diáconos deveriam ser bons chefes de família, bons educadores e capazes de governar com sabedoria a sua casa, para depois aceitar um cargo de liderança nas igrejas (1Tm 3,2-13; Tt 1,6-9). A educação dos filhos era algo muito importante na relação com a comunidade, por isso, a sobriedade não era apenas um requisito no comer ou beber, mas pertinente a todas as atitudes. Em alguns textos sapienciais (Ex: Eclo, 1-3.7-13; Pr 17,2; 30,33) estava explícita a pedagogia da educação dos filhos e da disciplina inerente à formação da personalidade para a felicidade da família⁴.

Jesus não desprezou a família de sangue, mas deu um grande valor à comunidade de fé e de vida, assim também aconteceu com muitas das primeiras gerações de cristãos, que valorizavam mais a comunidade que a família. Esta observação é pertinente, pois, no movimento de Jesus, o que é mais forte é a pertença e o compromisso nas relações de justiça e de amor: ouvir e colocar em prática o mesmo mandamento e a mesma palavra, que pode começar na família de sangue, mas é imperativo na família de fé (Mc 3,31-35; Jo 13,34-35).

Jesus rejeita as formas privilegiadas com as quais os judeus tratavam os que tinham “nome de família”, isto é, “escribas, fariseus, nobres”, que se outorgavam direitos de desprezar os que não tinham, por nascerem em condições mais humildes, como é o fato mostrado por Lucas na antítese entre Simão, o fariseu, e a pecadora sem nome (Lc 7,36-50)⁵. Ter nome de família era sinônimo de privilégios, “status social” e caminhos facilitados na vida, enquanto os que nascessem na marginalidade teriam muitos sofrimentos, escravidão e miséria.

⁴ GARMUS, Ludovico. Educação dos filhos nos Sapienciais. *Estudos Bíblicos*, 85, 2005/1. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 37.

⁵ MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas, a antropologia da Salvação*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 3. ed. 2013, p. 121. O fariseu tem nome e sobrenome, status de fariseu e dono de uma residência que lhe permitia convidar hóspedes ilustres, enquanto a mulher só carregava o rótulo de prostituta. Lucas coloca de modo irônico esse contraste para mostrar que os privilégios herdados, em caráter social, de nada valiam sem a compaixão e o amor.

A família e a casa

A família não é uma instituição pautada na lei, mas nas relações de pessoas que se comprometem reciprocamente num mesmo ideal. Na família, independentemente dos recursos econômicos, são aprendidos valores, comportamentos, modos de vida, compromissos existenciais. A família é compreendida por um grupo que tem comunhão de sangue e comunhão de habitação. A família é uma *casa* e, fundar uma família é sinônimo de construir uma *casa* (Ne 7,4)⁶.

O importante para os filhos ou para a geração seguinte era aquilo que a geração anterior tinha valorizado; o sagrado para os anciãos o era também para os filhos. O processo de mudança e mutação de paradigmas era muito lento, porque o círculo familiar estava muito mais cristalizado. O medo de mudar obrigava a repetir. A moral fundamental se repetia no seguinte refrão: “Aquilo que nós ouvimos e conhecemos, o que nossos pais nos contaram, nós não o esconderemos a seus filhos, contaremos à geração seguinte” (Sl 78,3-4). A família é uma instituição que tem como princípio a lei natural, pois, em todas as sociedades antigas, ela possuía um caráter civil e não religioso⁷. O vínculo matrimonial estabelece uma relação de compromisso social e antropológico pela lei da natureza. O casamento nasce, no mundo da Bíblia, como um acordo entre duas famílias, pois eram os pais que escolhiam (compravam) a moça para o filho (Ct 8,8). As garantias da aliança dos jovens eram dadas pelos pais e o casamento criava laços de pertença e mútuo compromisso no surgimento de uma nova família.

A família e suas constituições antigas

A mudança que ocorre nas relações familiares sob a lei transforma também o modo de constituir uma comunhão de pessoas⁸. No mundo oriental, o casamento continuava como um acordo entre duas famílias e depois duas

⁶ DE VAUX. 1977, p. 30.

⁷ DE VAUX. 1977, p. 43.

⁸ DE VAUX. 1977, p. 43.

pessoas (primeiro era a relação de famílias porque estas determinavam sobre seus filhos/as). A lei estabelecia que o casamento deveria ser monogâmico, não obstante as possibilidades de outros relacionamentos. Na primeira Carta a Timóteo, as orientações para os cargos de *episcopo* e *diácono* eram de que fossem casados com uma só mulher (1Tm 3,2.12).

A legislação determinava um valor de compra da mulher, chamado “dote”, a ser pago por uma virgem (Ex 22,16-17), abrindo um novo conceito de matrimônio: a relação entre casamento e dinheiro. Também entravam critérios de beleza e aparência. *Temos uma irmã pequena, ela ainda não tem seios. Que faremos quando vierem pedi-la?* (Ct 8,8). Os seios indicavam a estrutura física, em formação ou já formada. Não ter seios indica que o corpo não está formado, ainda é uma criança⁹. No Oriente, e os mesmos hábitos valem para a Palestina, as meninas eram dadas em casamento com uma idade entre 12 e 14 anos – isso justifica o porquê de os familiares serem tão decisivos na discussão do assunto (Js 15,16; 1Sm 18,17; 25,44)¹⁰.

Enquanto o casamento deveria ser uma aliança, firmada desde a juventude, para plenificar o amor (Ml 2,15-16), as leis do dote estabelecem relações próprias e econômicas. O dote seria administrado pelo pai da noiva, como um patrimônio, em regime de usufruto, mas sua conservação nem sempre acontecia, sendo dissipado por razões diversas¹¹. A legislação, passo a passo, foi dando lugar aos direitos do homem sobre a mulher, e o próprio *Decálogo* homologa essa diferença: o homem não pode cobiçar a mulher do próximo (Ex 20,17; Dt 5,20). Ela passa a ser considerada propriedade do marido e este exerce sobre ela toda a Autoridade. Um texto encontrado numa carta autêntica de Paulo (1Cor 11,2-16)¹² não expressa o pensamento do Apóstolo, pois rompe com a teologia e forma como ele tratou as mulheres ao longo de sua missão. Um testemunho especial dessa deferência à figura

⁹ MAZZAROLO, Isidoro. *Cântico dos Cânticos: uma leitura política do amor*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2. ed. 2015, p. 220.

¹⁰ KEEL, O. *Deine Blicke sind Tauben; zur Methaphorik des Hohen Liedes*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1984, p. 278.

¹¹ DE VAUX. 1977, p. 37.

¹² MAZZAROLO, Isidoro. *O Apóstolo Paulo: o Grego, o Judeu e o Cristão*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2. ed. 2011, p. 183-187. Os dois textos, considerados antifeministas na Primeira Carta aos Coríntios (1Cor 11,2-16; 14,33b-38) não fazem parte do corpo original da carta, nem do perfil missionário do Apóstolo. São inclusões posteriores com a finalidade de harmonizar e normatizar as comunidades paulinas com as igrejas da Palestina.

feminina pode ser encontrado na Carta aos Romanos, provavelmente seu último texto (Rm 16). A imposição do véu também passa a ser um sinal de submissão e de silêncio em todos os momentos e situações. A moça solteira só poderia tirá-lo no quarto de núpcias, o que permitia “fraudes”, como a de Labão a Jacó, pois entregou a este Lia (a filha mais velha) em lugar de Raquel (Gn 29,23-25). O divórcio, que seria melhor chamar de repúdio, era um direito absolutamente do homem. Quando este se casa e, depois, não vê mais graça na esposa (Dt 24,1-4) ou encontra outra mais bonita, pode mandar a primeira embora apenas com uma cartinha ou bilhete, ou mesmo só com uma palavra. A compra da esposa pelo regime de “dote” outorgava ao homem o pleno direito de decidir sobre o destino e o futuro dela.

Na pedagogia de Jesus, a família encontra uma nova configuração, não mais pautada nas relações de pertença por direito, mas nas relações de pertença através do amor. A família começa nas relações de consanguinidade, mas avança nas relações fraternas, na responsabilidade social, na restauração das relações rompidas por diversas razões e na inclusão dos excluídos.

Como afirma Mesters, para que o Reino de Deus pudesse se manifestar de modo vivo e concreto, era mister romper com o círculo vicioso da família fechada. Era necessário abrir-se para a Comunidade, incluindo os excluídos e marginalizados, a fim de possibilitar-lhes nova oportunidade de convivência¹³.

A família na pedagogia de 1Jo 2,12-14

As relações familiares antigas tinham como primeiro elemento estabelecer ou fortalecer vínculos com o clã. A proposta para a nova realidade é que os alicerces não estejam mais nos princípios jurídicos de direitos culturais, mas no amor (1Jo 2,8). A família, dentro do Novo Mandamento, não está enquadrada nos parâmetros de uma nova doutrina de pureza, de velhos vínculos deteriorados, ou mesmo de perfeição de comportamento moral. As leis da consanguinidade, do parentesco ou das genealogias têm um valor menor em relação à integração e inserção na

¹³ MESTERS, Carlos. Por que Jesus manda odiar pai e mãe? *Estudos Bíblicos*, 85 (2005), p. 53. Fronteiras, Recife, v. 4, n. 2, p. 331-349, jul./dez., 2021

comunidade. A família vive agora uma nova relação de pertença, onde irmãos e irmãs de linhagens genéticas diferentes se encontram para viver e testemunhar a vontade do Pai (Mc 3,31-35). A nova Lei cria uma nova família cujos vínculos são o amor, a reciprocidade, o compromisso em todas as circunstâncias, a fidelidade e a solidariedade. Na nova família, o mandamento único é o testemunho do discipulado de Jesus (Jo 13,34-35). Esse compromisso de vida dos pais, dos jovens e das crianças se expressa nestas exigências: o amor não suporta a treva - 1Jo 2,9; o amor não suporta o escândalo - 1Jo 2,10; o amor não suporta o ódio - 1Jo 2,11.

Os alicerces da família na 1João

O texto em estudo (2,12-14) está dentro de uma grande unidade (1,5-2,28) cujo tema principal é viver na proximidade de Deus, viver na luz, porque Deus é luz (2,9-11). O texto 2,12-14 deve ser lido em conjunto, pois forma uma unidade literária muito compacta¹⁴.

A estrutura é repetitiva, típica da antropologia joanina; escreve duas vezes aos pais, duas vezes aos jovens e com uma variação nos versículos 12 e 14, dirigindo-se aos filhinhos e, depois, às criancinhas (*teknía* e *paidía*).

A pedagogia do escrito joanino, nesse texto, aborda elementos fundamentais da convivência fraterna que se alicerçam no amor e não na lei, assumem compromissos de vida e não formalidades jurídicas ou morais. Estar próximo de Deus é assumir as características dele. O escritor tem clareza de que a vida familiar não se sustenta pelo laço jurídico, legal ou formal, mas, como aborda o profeta Malaquias (2,10-16), combatendo a criação do divórcio e da raça pura de Esdras (Esd 9-10), no amor, que é o alicerce do matrimônio. As relações familiares serão pautadas pelo Novo Mandamento (*Kainê entolê* - Jo 13,34), que integra todos os tipos de pessoas que se dispõem a amar¹⁵. A nova família pode ser a de sangue, de origem biológica

¹⁴ THEVISSSEN, G.; KAHMANN, J. J. A.; DEHANDSCHUTTER, B. *As Cartas de Pedro, João e Judas*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 212.

¹⁵ BROOKE, A. C. *A critical and exegetical commentary on the Johannine Epistles*. Edinburg: T&T Clark, 1994, p. 33-34, afirma que a novidade no ensinamento da 1Jo é que essa comunidade terá as regras do amor de Jesus Cristo.

(mesmo pai e mesma mãe dentro de um grupo social), ou também a própria comunidade social, onde pessoas de origem diversa, de idioma diferente e de cultura própria se integram numa mesma perspectiva, de uma única linguagem, que é a do Espírito Santo (At 2,42-46; Mc 3,31-35). O Novo Mandamento abarca todas as criaturas, de todas as raças e de todas as proveniências. Schnackenburg acredita que o conceito de *entolê* (mandamento), na 1Jo e na teologia joanina, encontra seu fundamento no valor do *mishpat* (mandamento) hebraico¹⁶. É importante observar que nesse Mandamento o caráter legal fica oculto, praticamente omisso, mas o aspecto de adesão por amor está acima de qualquer outro conceito. Schnackenburg, analisando o contexto amplo da primeira parte da 1Jo 1,5- 2,28, afirma que a opção pelo amor fraterno implica diretamente uma outra: a rejeição ao mal. É passar da treva do mal para a luz verdadeira, que é o próprio Cristo. O Novo Mandamento se torna uma exigência de amar e, ao mesmo tempo, de rejeitar. Acreditar no amor é viver na dimensão de uma nova realidade construtiva, dinâmica, capaz de restabelecer a Luz entre os irmãos. A dinâmica do amor não admite a convivência com a iniquidade, o pecado ou a mentira, e, por isso, o escritor João insiste em todas as idades, isto é, filhinhos, crianças, jovens e pais (1Jo 2,12-17), visto que não há um tempo para amar e outro para fazer o contrário. O Cristo joanino se revela intransigente com os incrédulos e com os que preferem ficar nas trevas em lugar de passar para o mundo da luz. O amor na nova família é diferente do amor mundano¹⁷. Naquele, os pais têm a responsabilidade primeira, pois a sua doação aos filhos, quando pequenos, precisa ser a mesma quando estes já tiverem crescido e se tornado jovens. Os pais (mãe e pai) estão no centro, no coração do lar, como arquétipos do verdadeiro amor para os jovens.

A família, na sua estrutura tradicional, compreende os três estágios, os quais são aplicados por João à comunidade de fé: as crianças, os jovens e

¹⁶ SCHNACKENBURG, Rudolf. *Cartas de Juan, versión, introducción y comentario*. Barcelona: Herder, 1980, p. 146-148, comentando a possível compreensão e abrangência do conceito de *entolê*, afirma que este tem o sentido de mandamento e não de conselho. Contudo, o Autor não aborda a questão que, no meu modo de ver, é essencial para dar o novo conceito de mandamento: a liberdade da adesão, a consciência da renúncia e a responsabilidade nas consequências - critérios menos explícitos no *mishpat* judaico, onde sobram a força da Autoridade e as sanções da parte do legislador.

¹⁷ SCHNACKENBURG. 1980, p.158.

os pais. O Autor não faz uma leitura de gênero, isto é, não coloca *pais e mães*, porque no conceito de *pais* estão incluídos o pai e a mãe de família. No lexema *jovens*, não se pode supor que sejam apenas rapazes, visto que o termo varia de gênero conforme os determinantes aos quais se refere. Estão ali também as moças jovens que participam com seu vigor e sua ternura da missão. Os termos *paidía* e *teknía* estão no plural neutro. Desta forma, entende-se que não há princípios excludentes, mas abrangentes no contexto da relação família e comunidade de fé.

↳ Filhinhos, escrevo – vossos pecados foram perdoados, v. 12.

↳ Pais, escrevo – conhecestes aquele que é desde o princípio, v. 13a.

↳ Jovens, escrevo – *vencestes* o Demônio, v. 13b¹⁸.

↳ Criancinhas, escrevi – conhecestes o Pai, v. 14a¹⁹.

↳ Pais, escrevi – conhecestes aquele que é desde o princípio, v. 14b.

↳ Jovens, escrevi – a Palavra permanece em vós; *vencestes* o Demônio, v. 14c²⁰.

As exortações se dividem em duas partes, segundo o tempo verbal: a) nos versículos 12 e 13, o tempo é presente; b) no versículo 14, o tempo é aoristo (passado). Na primeira parte, o Autor está comunicando algo novo; encontra-se com os seus leitores (ouvintes) diante de si e faz as advertências e ensinamentos que julga necessários. A hierarquia dos nomes difere nas duas seções apenas no primeiro elemento. Na primeira parte, o Autor usa *teknía* (filhinhos, filhos pequenos) e, na segunda parte, *paidía* (criancinhas). No sentido genérico, os termos podem ser considerados sinônimos, visto que ambos se referem ao ser humano na sua primeira fase da vida, mas, no sentido estrito, o termo *teknía* tem um valor afetivo maior, ele carrega um sentido familiar mais explícito, enquanto *paidía* indica a criancinha como um

¹⁸ BAUER, Walter. *Ponêros. Wörterbuch zum Neuen Testament*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1971. O Autor indica que o termo *ponêros* deve ser traduzido, aqui, como o Demônio, o Maligno, o artífice do Mal (Mt 13,19; Jo 17,15; Ef 6,16; 1Jo 2,13; 5,18-19).

¹⁹ THEVISSEN, G.; KAHMANN, J. J. A.; DEHANDSCHUTTER, B. 1999, p. 212, enfatizam que a passagem do presente (na primeira parte, v.12-13) para o aoristo, (na segunda, v.14), indica a importância que o Autor dá à parênese a seus leitores.

²⁰ MAZZAROLO, I. *As três Cartas de São João*, p. 109.

tempo cronológico da vida, sem a conotação familiar, podendo ser da mesma família ou não²¹. A figura do filho está muito mais ligada à do pai, enquanto a da criancinha, ao pedagogo ou ao mestre.

Os termos no contexto da 1Jo

a) *Filhinhos (teknía)* – Indica um tratamento afetivo do Autor a todos os seus leitores, não no sentido literal e sim no sentido metafórico. Todos os seus leitores (ouvintes) são filhos afetivos do Autor, que usa, neste particular, a psicologia do ancião, do pai espiritual da comunidade²². Na constituição familiar, os filhos são mais jovens que os jovens, mas mais crescidos que as crianças. Mesmo que algumas vezes, no ambiente familiar, eles possam ser tratados como crianças (*technía*), ou como “filhinhos”, que é ainda mais afetivo, isso não deve indicar estágio ou fase biológica da vida, mas um tempo curto de ingresso na comunidade cristã e, portanto, um direcionamento a adultos, que são aprendizes no caminho da fé e das práticas evangélicas.

Perdoados - *afeôntai* – O verbo *aphiêmi* significa lançar para fora, lançar para longe, arrancar²³. É uma ação de separação e distanciamento. O sentido desse afastamento, relacionado com o pecado ou com a falta, confere o significado de perdoar. Quem perdoa também retira, apaga ou lança para longe aquilo que machucava. Perdoar é arrancar, tirar, tornar inexistente para permitir recomeçar. Algo que não está mais presente não precisa ser lembrado ou não tem mais influência como antes. Estavam esquecidos, haviam sido apagados os pecados, portanto a comunidade já estava apta a recomeçar corajosamente sua missão.

Os pecados - *ai hamartíai*, a vós = *hymín* ou de vós = *hymôn*, foram perdoados (1Jo 2,12). O termo *hamartía* indica pecado, ofensa, mal cometido contra alguém. Na teologia joanina (Jo 8,21.24; 9,41; 15,24; 16,8), o pecado

²¹ OEPKE, A. “pais”. In: *Theological Dictionary of the New Testament*, v. V, p. 656-657.

²² RENSBERGER. 1997, p. 70, afirma que o termo *teknía* (filhinhos) pode significar ou abranger todos os membros da comunidade. No entanto, se esse fosse o conceito oficial do Autor, ficaria difícil compreender a aplicação dos termos *neanískoi e pateres*.

²³ BULTMANN, R. “afiêmi”. In: Kittel, G. K. *Theological Dictionary of the New Testament*, v. I, p. 509.

é uma postura contrária à verdade ou à justiça. No entanto, com a vinda do Paráclêtos (Jo 16,8) o mundo seria esclarecido e ao mesmo tempo responsável diante da justiça, do julgamento e do pecado.

Ao dizer: “filhinhos, os vossos pecados foram perdoados (arrancados), o Autor está utilizando a pedagogia do ancião, que tem uma experiência maior, uma vivência mais profunda da fé e do Evangelho, o Autor conforta a comunidade como se fossem filhos para afirmar que, em Cristo, seus pecados estavam perdoados.

Através do *Nome* dele (*diá tó onoma autou*) – O nome de alguém é esse mesmo alguém. Na tradição semítica, o nome indicava a pessoa ou a sua representação direta. Tudo o que pertence a alguma pessoa é a “extensão” dela; assim, o nome era a extensão da personalidade da pessoa. O segundo mandamento do Decálogo veta o pronunciamento do Nome de Deus, porque seria uma bajulação à pessoa, quando seu nome é anunciado de modo impróprio (Ex 20,7; Lv 19,12; Dt 5,11). Através do Nome de Jesus, o pecado da comunidade (filhos) foi perdoado. Invocar o Nome era acreditar, confessar a fé, abraçar o Evangelho. Quem assumisse o Evangelho, invocando o Nome de Jesus, estaria obtendo o perdão dos seus pecados. Num ato de proclamação absoluta da misericórdia divina, o escritor afirma à comunidade que a fidelidade ao Evangelho, através do compromisso com o anúncio do Nome de Jesus, faz com que seus pecados sejam perdoados.

b) *Pais - patéres* – Os pais são sempre uma figura de referência, quer no horizonte biológico, quer nos aspectos psicológicos, espirituais e sociais. Na pedagogia de Jesus, os pais não representam apenas laços biológicos, do mesmo modo que a outras relações familiares, mas uma experiência maior na caminhada da fé, do conhecimento e da prática da vontade do Pai (cf. Mc 3,31-35). A comunidade cristã assume o caráter de uma família, e os mais experientes se tornam para os mais jovens (em tempo de caminhada, não em idade) os pais, os tutores e os guias. A comunidade é a nova família, a verdadeira família onde o amor e o perdão encontram lugar privilegiado. Os pais personificam a experiência de vida, a sabedoria, a segurança e o vínculo com as gerações anteriores. Eles, no quadro familiar, são o referencial da

ética, da virtude, dos valores e da religiosidade. No âmbito da sociedade, representam a busca da vida, do sustento, da segurança social e a estabilidade da justiça. Desta forma, para as primeiras comunidades, os discípulos representavam os “mais velhos”, os mais experientes e, por isso, os próprios pais na fé. A eles Jesus veta os defeitos dos nobres e reis, que descaracterizam as relações sociais como relações familiares, em virtude de serem déspotas e tiranos (Lc 22,24-25). A comunidade cristã tem que ser uma família verdadeira, que vive o exemplo, o testemunho e a missão.

Conheceste aquele que é desde o começo - *ap'archês*. O verbo *ginôskô* tem um primeiro significado, que é “conhecer, reconhecer ou aprender”. O segundo sentido seria “entender ou compreender uma realidade, uma pessoa ou um fato”. Um terceiro conceito é o de “saber como conhecimento, como entendimento e como resultado”. Por fim, pode-se acrescentar, no sentido humano do termo, o significado de “conviver, experienciar e entender o outro lado, a outra pessoa através da proximidade”. Este conceito já está presente no profeta Oseias 4,1.6 com o substantivo *da'at* (conhecimento). Os pais conheceram (*egnôkate*) aquele que é desde o começo; eles ouviram de seus antepassados as verdades e as maravilhas que Deus fez (Sl 78,3-4). Na revelação do Pai em seu Filho, entenderam e sabem que é Jesus Cristo, sabem que é Verdadeiro e estava desde o princípio com o Pai (Jo 1,1-3)²⁴. Aquele que era desde o princípio é Luz Verdadeira (1Jo 2,5ss). Conhecer é conviver e comprometer-se. Os pais têm uma função especial dentro da comunidade, pois cabe a eles o primeiro testemunho. Aquele que é desde o princípio (cf. Gn 1,1) se chama Logos (Palavra, realidade, existência pré-existente)²⁵.

²⁴ RENSBERGER. 1997, p. 46.

²⁵ O termo “Logos” ocupa um dos lugares proeminentes da teosofia grega, especialmente em Heráclito e Platão. O sentido é muito amplo, pois ele é o Princípio de todas as coisas, a origem do cosmos. Na teologia joanina, o Logos é Jesus Cristo, na qualidade de Messias pré-existente. Nos tempos da redação dos escritos joaninos, havia muita discussão sobre o momento em que Jesus se tornara Messias. Para alguns, Jesus foi Messias a partir do batismo; para outros, a partir da ressurreição; e outros afirmavam que ele era messias desde o seu nascimento. Usando este termo grego, o escritor joanino dá uma resposta teológica final: ele era o Cristo desde sempre, desde o princípio. O Logos é o Um e o Tudo e, na evolução do conceito, o Logos acaba sendo igual a Deus. Em termos joaninos, o Logos é a embaixada de Deus no universo para resgatar a humanidade (Jo 1,14), cf. MAZZAROLO, Isidoro. *As três cartas de São João*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2010, p. 43-45.

c) Jovens - *neanískoi* – Os jovens estão sob a tutela dos mestres e dos pais. Eles ainda precisam aprender as regras fundamentais da vida; muitos dependem dos mais velhos, e, por isso, na comunidade, os jovens necessitam olhar para os “pais”, para os mais velhos. A comunidade transforma a relação de pessoas estranhas numa nova experiência de conhecimento e convivência, onde os anciãos (presbíteros) ou os mais velhos (*patéres*) se tornam guias e exemplo para os mais jovens. Os jovens já estão prestes a assumir, partilhar e substituir muitos pais nas diferentes tarefas da vida. Preparam-se para ser pais/mães e precisam das orientações dos anciãos. Eles não são apenas promessa, já são a realidade do amanhã; serão amanhã o que estão sendo hoje.

Vencestes - nenikêkate – O verbo *nikaô* indica vencer, ganhar ou ser vitorioso em um desafio. Os jovens são vitoriosos diante de uma grande provação: o Demônio, o Mal. De que formas o Demônio tenta os jovens? Quais são as provocações que os jovens têm em relação ao passado, aos valores transmitidos pelos pais, aos ideais de vida? Vencer o Maligno (*ponêron*) não é apenas vencer a dimensão do pecado sexual (um mandamento único), mas vivenciar o Decálogo, que se resume no Novo Mandamento (2,8), que é antigo por ser o de cada geração, de cada lugar e de cada pessoa. Os jovens representam o tempo da força, da coragem e da ousadia. Por causa de sua energia vital e da força e entusiasmo da fé, são vitoriosos e o Maligno.

Os jovens venceram o Maligno (1Jo 2,13-14). E quem são esses jovens? Na dimensão familiar, eles são os filhos que estão saindo da adolescência e se preparam para assumir a vida profissional, familiar e social. No contexto da Comunidade Joanina, eram os cristãos novos, aqueles que estavam assumindo a nova forma de vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo. Para estes, vencer o Maligno era ter a força de superar os velhos paradigmas, as estruturas caducas das tradições, quebrar os padrões de ética racial criados por Esdras (Esd 9-10). Para aderir ao Evangelho e ao Novo Mandamento, muitas mulheres e homens enfrentavam crises familiares (consanguinidade), perseguições da sociedade, dos parentes e amigos. Os cristãos eram tratados como hereges, como maus e traidores das tradições judaicas, pois para viver o amor era preciso praticar a justiça social com o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro

(Is 1,10-20). Mas o Maligno insistia nos privilégios dos judeus, das castas, da hierarquia, da corrupção social e religiosa. Esses recém-nascidos no cristianismo tinham superado os paradigmas e viviam uma experiência plural dentro de uma nova família (At 2,42-46).

O Maligno - *ton ponêron* – O Maligno pode estar presente no pecado (*amartia*, 1,8), no mentiroso (*pseystês*, 2,4), no anticristo (*antichristos*, 2,18), no comportamento pervertido (*anomia*, 3,4). A posição central da 1Jo é que Deus é Luz (sinônimo de Verdade e Justiça) e o Maligno é treva (sinônimo de pecado, mentira, injustiça). O Maligno ensina o mal e rompe com a comunhão fraterna (*koinônia* - 1,6), fonte da Luz e da unidade entre os irmãos e com o Pai. Por isso, para constituir uma família no amor, é fundamental vencê-lo (2,13b). A sua atuação na família se dá quando ele consegue romper as relações de responsabilidade dos pais com os filhos e dá a liberdade para aqueles se separarem, se divorciarem e deixarem estes na carência do afeto, do bom exemplo e da segurança. O Maligno pode entrar pela porta dos filhos, e estes não sentirem compromissos com seus pais, esquecendo o amor, a doação e tudo o que receberam na infância. É a incapacidade de reconhecimento de um amor recebido. Ele ainda pode atuar no desvio de conduta dos jovens, na entrega aos vícios e na ruptura das relações internas do lar. O Maligno faz o jogo da mentira, da treva, do ódio - um ódio sem motivos (Jo 15,25).

a.1) *Crianças - paidía*²⁶ – Na estrutura familiar, as crianças são as que mais exigem cuidados, atenção e preparação. Elas serão os adultos de amanhã, mas dependem muito da “formatação” (de como são recebidas, acolhidas, orientadas e desenvolvidas). Elas não são projeto, mas realidades vivas, presentes e importantes na vida dos adultos. Pensam como criança, e, se não lhes for permitido agir como tal, estarão sendo tolhidas na sua etapa da vida. Na orientação que o Autor da Carta está passando para a comunidade cristã, as pessoas jovens e adultas precisam receber um carinho especial, uma

²⁶ BAUER, W. (1971) define o termo grego *paidia* como infantes, juvenzinhos, crianças. Deste termo surgem outros correlatos, como pedagogo, pedagogia, etc.

compreensão própria de quem está “nascendo” outra vez²⁷. Como uma mãe que carrega no ventre um novo ser, ela não pode pensar só no futuro, precisa pensar no aqui e agora. O amor ao nascituro não será dispensado quando este for jovem ou adulto, mas deve começar no ventre, no espaço existencial do escuro, do silêncio e do diálogo dos sentimentos, para que ele possa experienciar o amor humano juntamente com o amor divino, pois Deus ama (Is 49,1-5; Jr 1,5; Lc 1,15; Gl 1,15; Rm 8,29). A mesma pedagogia precisava ser conferida aos que se propunham começar outra forma de vida na comunidade cristã. Agora é a hora do amor, do perdão, da solidariedade e do carinho.

b.1) Conhecestes o Pai - *egnôkate ton patéra* – Os pais conheceram Aquele que é desde o princípio, enquanto as crianças conheceram o Pai. As crianças aqui não são a parte mais jovem da comunidade, os que têm menos idade, mas os que, mesmo adultos, estão entrando na nova família e, a partir desse encontro com Jesus Cristo, conheceram o Pai (Jo 14,10-11 - *Quem me vê, vê o Pai*). No contexto da 1Jo, as crianças são os que estão sendo acolhidos pela comunidade. Eles já conheciam o Pai, pelas tradições dos judeus ou por outras fontes das religiões, mas agora estavam sendo acolhidos para conhecer Jesus Cristo. O Autor usa a psicologia do ancião, do velho experiente, da sabedoria do mestre para instruir a comunidade a quebrar os padrões convencionais em que os mais idosos, os mais antigos e os mais iniciados tinham privilégios. Ele insiste na afetividade da comunidade como forma de garantir um espaço para todos. Esses novos cristãos haviam conhecido o Pai, mas este pode ter sido mostrado pelas tradições com um rosto deformado, terrível, sedento de vingança, como os deuses da mitologia (cf. Ex 19,1ss). Agora era preciso conhecer o seu verdadeiro rosto, revelado no Filho (Jo 5,19ss; 1Jo 1,1-3).

²⁷ Há estudos multidisciplinares que mostram a importância dos primeiros tempos de vida de uma pessoa como decisivos para o seu futuro. Para muitos estudiosos, o ser humano nasce, praticamente, formatado, com poucas opções de mudança a posteriori. Alguns acreditam que o fim da “moldura” psicológica se dá por volta dos seis anos. Independentemente disso, no processo da vida cristã, também ocorre algo semelhante: dependendo de como uma pessoa é inserida na comunidade, ela vai viver esse jeito de ser mais carismática, mais conservadora ou mais profética.

c.1) Jovens

Por que sois fortes - hoti ischyroi este - Este é um belo conselho, um encorajamento para os novos cristãos. Para os menos briosos, é uma provocação. A juventude é o tempo da força, do entusiasmo e da coragem. Esses cristãos, que já tinham uma boa caminhada no Evangelho, poderiam e deveriam ser a “força, o vigor e a ternura” da comunidade. Geralmente, o começo de tudo é entusiástico, mas, depois, o calor vai dando lugar ao frio e ao tédio. Eles estão cheios de coragem, de ânimo e luta. São fortes porque venceram o Maligno (2,13b).

A Palavra de Deus permanece em vós - O segredo da vitória contra o Maligno é a Palavra de Deus, que permanece nos cristãos. O Evangelho está vivo, é uma semente que caiu em terra fértil, e o fruto dessa comunhão está sendo conhecido pelo vigor com que lutam contra o mal.

Vencestes o Maligno - ponerón - Dar o testemunho do Evangelho em todas as circunstâncias não é fácil. O Demônio se manifesta de muitas formas, normalmente, provocando a pessoa com alguma ilusão de ter vantagens, prosperidade e poder sobre os outros. Nas tentações de Jesus, caso ele se curvasse e se submetesse ao orgulho de Satã, receberia poder, majestade e reinos (Mt 4,1-11 e par.). Mas toda tentação é uma ilusão, e Satã não tenta uma única vez. Ele é persistente nos seus intentos e, quando é expulso, procura outros sete espíritos piores do que ele e retorna para derrotar quem o expulsou (Lc 11,24-26). Quem quer fazer parte da nova família necessita da coragem e da força dos novos discípulos, que, não obstante o sofrimento e as perseguições, permanecem firmes na palavra e na ação.

Considerações finais: crises e desafios

Hoje, temos outras formas de constituição familiar diferentes das tradicionais: as “famílias virtuais”, não baseadas em relações de proximidade física ou de parentesco, mas de afetos cibernéticos, enquanto fazem do mundo uma pequena aldeia. Essas famílias apresentam um dado positivo, enquanto superam barreiras de culturas, idiomas e fronteiras geográficas, mas podem ser sinais negativos enquanto empobrecem o diálogo familiar físico, o

diálogo e o afeto com quem está ao lado. As famílias digitais transformam as relações físicas em relações virtuais e, são sinais importantes nas mudanças planetárias, mas podem ser sinais da ausência do diálogo personalizado, do olho no olho e transformar-se em frustrações existenciais graves.

A família está envolvida por todas as realidades nas quais vive, por isso, um dos grandes desafios é superar as provocações do mundo para construir a solidariedade, o respeito ao outro e o amor com toda a família humana²⁸.

O conceito tradicional de família é a composição de pai, mãe e filhos. Hoje, a realidade de famílias só da mãe com os filhos, exige das mulheres um esforço redobrado, quando não, sacrifícios quase insuperáveis para a construção de ambientes com amor e com esperanças de realização dos sonhos de vida e felicidade.

O Autor da 1Jo tem muita clareza do ideal a ser construído, quer para a família, quer para a comunidade. Ele, como dissemos acima, usa a psicologia do ancião e do Pai para encorajar os seus filhos jovens e suas crianças. A comunidade não é homogênea, pois nela estão os anciãos (pais/mães), os jovens (moças e rapazes) e as crianças. Essas categorias estão representadas nas pessoas mais experientes e firmes, nas que estão bem iniciadas e fortes e naquelas que estão recém-começando a proposta de comunhão. Todas elas são importantes para a vida da comunidade, como todos os membros de uma família são importantes para constituir a felicidade dos pais e dos filhos. As relações familiares perfeitas são um arquétipo usado pelo Autor para falar da Comunidade Cristã. O tom das exortações é amoroso, sereno e confiante, mas induz a permanecer firme na Palavra para vencer o mal.

Referências

BAUER, Walter. Ponêros. *Wörterbuch zum Neuen Testament*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1971.

²⁸ VATICANO II. *Gaudium et Spes, Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje*. N. 3.

- BROOKE, A. C. *A critical and exegetical commentary on the Johannine Epistles*. Edinburg: T&T Clark, 1994.
- BULTMANN, R. “afiêmi. In: Kittel, G. K. *Theological Dictionary of the New Testament*, v. I. Grand Rapids/Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 2006.
- DE VAUX, Roland. *Le Istituzioni dell’Antico Testamento*. Torino: Marietti, 1977.
- GARMUS, Ludovico. Educação dos filhos nos Sapienciais. *Estudos Bíblicos*, 85, 2005/1. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 30-43.
- KEEL, O. *Deine Blicke sind Tauben; zur Methaphorik des Hohen Liedes*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1984.
- LIEU, Judith. *The Theology of the Joannine Epistles*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1991.
- MAZZAROLO, Isidoro. *As três cartas de São João*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2010.
- MAZZAROLO, Isidoro. *O Apóstolo Paulo: o Grego, o Judeu e o Cristão*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2. ed. 2011.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas, a antropologia da Salvação*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 3. ed. 2013
- MAZZAROLO, Isidoro. *Cântico dos Cânticos: uma leitura política do amor*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2. ed. 2015.
- MESTERS, Carlos. Por que Jesus manda odiar pai e mãe? *Estudos Bíblicos*, 85 (2005), p. 49-55.
- OEPKE, A. “pais”. In: *Theological Dictionary of the New Testament*, v. V. Grand Rapids/Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 2006, p. 636-653.
- OPORTO, Santiago Guijarro. La família en el movimiento de Jesús. *Estúdios Bíblicos* 61 (2003), p. 65-83.
- RENSBERGER, D. *1,2,3 John*. Nasville: Abingdon Press, 1997.
- SCHNACKENBURG, Rudolf. *Cartas de Juan, versión, introducción y comentario*. Barcelona: Herder, 1980.

THEVISSEN, G.; KAHMANN, J. J. A.; DEHANDSCHUTTER, B. *As Cartas de Pedro, João e Judas*. São Paulo: Loyola, 1999.

VATICANO II. *Gaudium et Spes, Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje*. N. 3.

Trabalho submetido em 15/09/2021.

Aceito em 16/10/2021.

Isidoro Mazzarolo

Doutor em Textos seletos dos evangelhos sinóticos pela Pontifícia Universidade Católica - Rio (1992). Pós-doutor pela École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem - Israel (1996). Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Email: mazzarolo.isidoro@gmail.com